

REFLEXÕES SOBRE A NATUREZA PROVÁVEL DA OBJETIVIDADE E DA SUBJETIVIDADE

Gerardo de Oliveira Maldonado

Assim psicológica como logicamente, não é possível o **conhecimento**, pelo espírito humano, do mundo real, ou exterior, senão por meio da **percepção da realidade** exógena ao homem, isto é, a menos que esta última venha a constituir um dos **extremos** da relação do conhecimento, — o **objeto**, (o excitante), passando, assim, tal objeto, depois de focalizado pela consciência individual, a formar o conteúdo da **atenção**, — função psíquica, essa, essencial à vida intelectual. Contudo que isso ocorra, torna-se possível o conhecimento, verdadeiro e próprio, das cousas, dos fenômenos, das **relações**.

BERKELEY tem, pois, razão, quando afirma que **objeto existente ou conhecido é objeto percebido pelo "eu"**. Para mim, para o **sujeito cognoscente**, para nós, como **observadores**, (voluntários ou involuntários), a ocorrência dos fatos ou fenômenos, a correlação entre estes, a existência das cousas ou dos objetos, a **consistência** das relações ou correlações imateriais somente **são**, ou **estão** no mundo, ou no Universo cognoscível, à medida que tenham sido — ou que sejam **atualmente** apreendidas ou captadas pela mente humana, num momento dado. O realismo aristotélico, ou a **existência das cousas em si mesmas**, independentemente de serem percebidas, pelo sujeito ativo do conhecimento, não passa, segundo essa ordem de idéias, de uma **ilusão**, — quanto à possibilidade de sua existência, fora dos limites da percepção, embora tal realismo seja a atitude natural e primordial do homem, no conceito de M. GARCIA MORENTE, um como "prius" ou **dado**, que está no mundo real. A atitude verdadeira, ou, pelo

menos, aproximada da verdade universal, apesar de ser uma atitude aparentemente esdrúxula, sutil, algo de posição ou **cartesiana**, compendiada na conhecida fórmula: "Cogito, ergo sum".

É exato que, dados o aperfeiçoamento do mecanismo intelectual (funções psíquicas superiores) e a evolução do pensamento humano, dada a inegável realidade dos fenômenos da associação de idéias, por semelhança, por contigüidade, no tempo e no espaço, e dos processos constitutivos da fisiologia cerebral; dada a memória, com os seus conseqüências, (fixação, conservação e reprodução mnemônicas), o espírito humano pode realizar a percepção de cousas, fatos, objetos, fenômenos ou relações, sem a presença **concomitante** ou **imediate** da porção ou trecho da realidade cognoscível, de que porventura se trate. Não é menos exato, porém, que, — exceto quando o objeto do conhecimento houver sido apreendido, sensorialmente, por meio do nosso aparelho receptor, direta ou indiretamente, recente ou remotamente, consciente ou inconscientemente, — o conhecimento do mundo da realidade ou da objetividade não passará de uma hipótese inviável ou inverificável.

Claro, a propósito, não nos é dado contestar, proveitosamente, ou com fundamento, que tenha havido grupos sociais pre-históricos, que se hajam realizado descobrimentos científicos, que tenham existido povos e nações, que tenhamos (ou houvéssemos tido) pais biológicos, ancestrais; que os mares, os rios, as montanhas e os vulcões estejam situados no mundo geográfico, desde há milhões de anos; que, no começo da evolução, tivesse havido animalidade e humanidade, vida puramente zoológica e vida social. Trata-se, contudo, (do ponto de vista estritamente psicológico), do produto de uma **crença**, porque, se tudo isso e o Universo mesmo não forem **percebidos**, por mim, por nós, pelos demais espíritos ou psiquismos humanos, certo, a realidade, — orgânica ou inorgânica, animada ou inanimada, corpórea ou imaterial, espacial ou temporal, — para mim, ou no meu conceito, não existe, nem

consiste, em absoluto. Daí resulta, pois, **necessariamente**, que o conhecimento da realidade somente se torna possível, somente se perfaz, pela **percepção**, isto é, pela polarização da atenção, voluntária ou involuntária, para o objeto a ser conhecido.

Não há, portanto, as chamadas **cousas em si**, as realidades **per se stante**, capazes de existirem sem dependência de sua percepção **efetiva**, pelo observador, pelo ser pensante. Os imaginários (ou verdadeiros) habitantes de Marte não existem, para **mim**, em face da consciência do meu próprio "eu". Haverá — pode-se conjectuar, a propósito, nada impedindo que se façam suposições sobre isso, — realidades, relações, dados, liames, cousas ou objetos, a todos ou a certos respeito, ignorados, misteriosos, imponderáveis, indetermináveis, imperscrutáveis, inacessíveis, inexistentes, nebulosos, impensáveis, obscuros, **ainda não percebidos**, quiçá inalcançáveis pela claudicante, precária, limitada ciência humana. Tais **seres**, exatamente porque não percebidos, não se podem dizer, em boa lógica, **existentes**.

"A percepção representa, justamente, a primeira preocupação do homem de utilizar a representação do excitante, formada em virtude da excitação sensorial, para criar a consciência referida ao excitante externo. Vendo uma lâmpada, o homem não somente sente a luz, discrimina os elementos constitutivos dessa impressão, que lhe permitem formar a representação da lâmpada, mas, também, **percebe** a lâmpada, isto é, cria a consciência de que a lâmpada é. Esta consciência é o que chamamos "juízo primitivo" (juízo perceptivo)". (WACLAW RADECKI, "tratado de Psicologia", página 185).

A percepção pode estar ocorrendo, pode ter efetivamente ocorrido, pode ter estado na iminência de ocorrer. Em todo caso, sem que ela **se realize**, exaurindo-se, operando os seus efeitos, tornando-se o conteúdo parcial da experiência indivi-

dual, não há autêntico conhecimento (psicológico e lógico) a respeito do seu objeto; isto é, não há, nesse caso, conhecimento das cousas da objetividade.

Aqui, como se vê, a antítese, o conflito, a oposição, a desconformidade, o antagonismo, a desproporção, o dissídio entre a **Razão** e a **História** resolve-se, ou sobrepõe-se, pela prevalência da primeira, pelo primado daquela sobre esta última.

Assim sendo, o ponto de vista de DESCARTES, por exemplo, é procedente, e, deste modo, integralmente aceitável? Dar-se-á que seja cientificamente recebível, inteiramente subsistente, de ortodoxia indiscutível, dificilmente refutável, mais consentâneo com a verdade substancial, o **Psicologismo**, de DAVID HUME? Mas, não haverá, nisto, um intolerável paradoxo, ou uma patente contradição, uma vez que, na teoria formulada por esse filósofo britânico, não há lugar para o conhecimento puramente racional?

A objetividade, quando e por causa da sua percepção, pelo espírito humano, neste, com efeito, projeta-se, — não, porém, à maneira de raios luminosos numa placa fotográfica, — mas, sob a forma de **sinais**, de representações, de **símbolos**, de espécies ou formas de energia, (de origem física, mecânica, térmica, química, magnética, elétrica, **atômica**). Há, portanto, a **subjetivação**, na alma, (no cérebro, base física do espírito), na mente, individual ou coletiva, da **força universal**. Tal subjetivação enseja ou acarreta a elaboração, a sistematização, a condensação, a transformação do **material** (matéria prima) assim **introduzido** na estrutura íntima do psiquismo humano. Ao depois, devido às despóticas, tirânicas, inelutáveis exigências **pragmáticas** da vida, zoológica e social, animal e humana, — por força da inafastável necessidade de **atividade**, dito material, depois de **percebido** e de mentalmente **transmudado**, tende a **objetivar-se**, (proclividade para a exteriorização), ou efetivamente se exterioriza, — mas, em todo caso, sob a forma de **pensamento**, de propensões ou penhores **naturais**, de conjuntos representativos ídeo-motores, de tendências volitivas, de movimento reflexo, de corrente

eferente ou centrífuga, para a possibilitação da **ação**, propriamente dita, para a realização da **atividade**, voluntária, automática, reflexa ou instintiva, pouco importa, mas, em todo caso, **irrefragável**, do homem individual e social. Donde se poder afirmar, com propriedade, que, psicologicamente, **o pensamento é uma função de utilização**.

A **força universal**, na multiplicidade ou variedade de suas manifestações, é que estruturaria e dinamizaria o organismo biológico e a contextura mental do homem. Aquele conjunto de fatores energéticos é que, como um sistema, tornaria viável a **percepção**, e, pois, realizaria a **subjetivação** dos estímulos exteriores, resultantes, estes, da — ou provocados, em acentuada proporção, pela — **ação sinérgica da Natureza**, do mundo cósmico, da ambiência social, e, em última análise, da realidade inclusa no complexo de excitantes, ou no conjunto considerável de estímulos, periféricos ao sistema nervoso central do indivíduo humano.

Nestas condições, parece, teriam surgido, na cena do mundo, **primeiro**, o **material**, o **corpóreo**, o **exterior**, a **objetividade**, o **físico**, o **espacial**, o **mecânico**, o **mensurável**, o **quantitativo**, — e, ao depois, **corolariamente**, (por assim dizer), ter-se-iam feito **perceber**, pelo agente do conhecimento, o **subjetivo**, o **psíquico**, o **anímico**, o **mental**, o **abstrato**, o **sagrado**, o **social**, o **imaterial**, o **conceitual**, o **espiritual**, o **ético**, o **ideológico**, o **consciente**, — e isto por meio da **materialização das relações**, mediante o complicado processo de **subjetivação** da ordem física e da organização social.

Conseqüentemente, as cousas corpóreas, as causas físicas, os objetos reais, o dado histórico, os fatos exteriores, o fator econômico, o “não-eu” precederam (e teriam condicionado) à eclosão da “consciência” individual, (“consciência-dor-física, consciência-percepção, consciência reflexiva ou consciência-juízo”), antecederam ao aparecimento do “espírito”, precederam ao processo de integração da alma humana, preordenaram a formação da contextura psicológica da pessoa física ou natural. Mas, em compensação, a ulterior **síntese**

subjativa, concomitante subjetivo da evolução físico-químico-social daquela aludida força universal, animada de misterioso movimento centrífugo, (cujo mecanismo ainda hoje se mostra extremamente obscuro), ter-se-ia exteriorizado, ou projetado, em **fatos e fenômenos**, em “atitudes” **sui generis** e em **realidades e idealidades** específicas, em inumeráveis formas de atividade, dando causa à “qualificação do quantitativo”, não se subjetivando, construindo e emprestando “modelos” ao mundo real e ao mundo social, ao universo cognoscível, enfim.

Ocorrerá que se possa admitir, com fundamento, que se dê um como perscrutável **interacionismo causal** entre essas duas ordens de realidades ou de fatos ou fenômenos? Sucedará, com efeito, que tais sistemas de conceitos, que tais dados da realidade, física e moral, que tais **conjuntos representativos e volitivos**, que tais séries de fenômenos ou fatos, que tais elementos subjetivos e objetivos, que tais dados suscetíveis de apreciação racional exercitem, de fato, **recíprocas influências determinantes**, exerçam atividade modificadora uns sobre os outros, mostrando-se unificados e fusionados e, assim, constituindo um **todo** indivisível, uma autêntica **integral**? Esta parece ser a questão magna, cuja importância é considerável, de índole, a um tempo, psíco-sociológica, lógica e físico-filosófica, a qual, absolutamente, não se refere a problemas estranhos à vida, a circunstâncias alheias à existência humana, diante de cuja solução, porém, claramente determinada, ou apenas vislumbrada, o espírito não se pode conservar indiferente, — questão, essa, que os pensadores, a despeito dos seus indefessos esforços atinentes, não lograram elucidar, convincentemente. Daí, — parece, — subsistir, ainda agora, a **direção paralelista** do pensamento filosófico e psicológico, (resultante da concepção **dualista**). Segundo o dualismo filosófico, as duas ordens de fenômenos, psíquica e fisiológica, desenvolvem-se, **paralelamente**, de sorte que a cada processo psíquico corresponda um concomitante fisiológico, as cadeias de cada ordem encerrando-se em si mesmas, do ponto de vista causal. O **Paralelismo** tem por supedâneo

a proposição fundamental — que nenhum fenômeno físico se pode transformar em fenômeno psíquico, não sendo, pois, a energia psíquica redutível à energia física. Mas, é preciso não esquecer (e isso é essencial) que, no caso, o **Monismo Filosófico**, por sua vez, projetando-se no domínio da Psicologia, sob a forma de **interacionismo**, representa a atitude oposta, a antítese do **Paralelismo**, visto que considera a energia psíquica como uma forma da energia em geral, e, em consequência, afirma que a energia psíquica promana da própria energia física ou mecânica, tal como se opera a transmutação da energia calorífica em luminosa.

O processo perceptivo não é, porém, tão simples como pode parecer, à primeira vista. Esquemáticamente, para fins metodológicos, sim, ele não se mostra complexo. Tem por pressuposto essencial a **observação** do fato exterior. E implica a formulação de **juízos**.

Ora, observar um fato é, exatamente, verificar o modo pelo qual esse fato se produz. E, para observarmos um fato, polarizamos nossa atenção para um determinado grupo, previamente escolhido, de eventos, de acontecimentos ou fenômenos. Polarizando a atenção para tais acontecimentos, apuramos que o que resulta daí é que os **excitantes** (visuais, auditivos, etc.) periféricos ao nosso sistema nervoso central, tocando à periferia de tal sistema, transformam-se em **influxo nervoso**. Este, cuja natureza intrínseca ainda não foi determinada, percorrendo os cordões anteriores da medula e alcançando os centros nervosos superiores, vai suscitar, no cérebro, uma idéia, uma representação mental, correspondente à percepção do fato ou do fenômeno. Realizada a percepção do fato, o que disso decorre é que temos consciência, mais ou menos nítida, da produção ou da verificação do fato observado. Aliás, a consciência **imediate**, no caso, é relativa à presença do excitante ou estímulo.

Não se trata, propriamente falando, de **sensações elementares** ou sensações puras. Segundo os dados da Psicologia, não existe a sensação pura, porque, ao percebermos um

fato exterior, exógeno ao homem, nós relacionamos, imediatamente, a idéia ou a imagem do fato com a idéia ou a representação mental de outros fatos, da mesma ou de outra série, integrados na nossa experiência passada. Entram em jogo, então, os chamados mecanismos de associação de idéias, de reconhecimento, de abstração, de discriminação, positiva e negativa, e o mecanismo, cuja natureza continua obscura, que condiciona a exteriorização, ou a — por assim dizer — “des-subjetivação” das impressões recebidas do mundo externo. E tal **dessubjetivação** ou projeção confunde-se, em última análise, com o processo da **utilização do pensamento**, — utilização, essa, indispensável à ocorrência da atividade ou ação, do homem sobre a Natureza. Verificada a percepção do fato, o espírito humano formula, logo, uma hipótese; uma hipótese provisória, muita vez, destinada à **explicação** do fato; hipótese que, se objetivamente verificável, será tida por procedente, por exata ou correta, por verdadeira. Se, porém, a hipótese não coincidir com os fatos observados ou com os fatos semelhantes ou idênticos captados pela mente humana; se, por meio da comparação, o espírito humano apurar que o fato ou os fatos percebidos, os quais constituem, parcialmente, o conteúdo da hipótese dada, não coincidem com os demais fatos alcançados pela percepção, claro, nesse caso, a hipótese terá de ser substituída por uma **suposição** mais consentânea com a realidade. Vê-se, para logo, que, na verdade, o homem observa para conhecer e adquire conhecimentos através de tentativas e de erros.

A hipótese, quando seja viável ou objetivamente verificável, transmuda-se numa **teoria**. Não há conhecimento científico sem a formulação de uma teoria correspondente. O conhecimento do mundo exterior nos vem por intermédio dos sentidos. É, tal conhecimento, de ordem sensorial, primeiro. Numa segunda etapa, o conhecimento, depois de elaborado e aperfeiçoado pelos centros nervosos superiores, passa a ser um conhecimento de natureza propriamente intelectual, ou **conhecimento racional**. Não é um conhecimento simplesmente sensorial, mas um conhecimento sensório-intelectual.

A realidade tem as suas formas de manifestação. Os fenômenos estudados, ou analisados, do ponto de vista da Psicologia, são uma dessas formas, sem dúvida.

Não é de todo fora de propósito assinalar que as noções psicológicas fundamentais se mostram indispensáveis a um conhecimento logicamente ordenado das questões tratadas pela Sociologia Jurídica, pelas ciências abstratas e pelas ciências da Natureza, em geral. Convém, assim, deixar elucidado que as relações entre a Psicologia e essas outras ciências são bastante estreitas. A Psicologia é, pois, a ciência mais próxima assim da Sociologia Jurídica como das Ciências Abstratas e Ciências Naturais. Haja vista, a propósito, o problema, de considerável importância, da “crítica psicológica das noções científicas”.

E o assunto adquire complexidade e se complica em dificuldades quase insuplantáveis, principalmente na hora que passa, bastando, para que assim concluamos, que deixemos aqui esclarecido que, como é sabido, **o cérebro humano tem a propriedade de pensar o próprio cérebro**, e que, modernamente, se entende por Filosofia “o conhecimento do conhecimento”.

Dando remate e fecho a estas despreziosas considerações, ocorre-nos afirmar que, postulando a imanência e a relatividade do conhecimento humano, impondo, muita vez, o primado absoluto do “número”, da “medida”, do “cálculo”, da “matéria”, da “energia”, do “físico”, do “natural”, do “positivo”, numa palavra, do “objetivo puro”, e fazendo tábula rasa da **afetividade**, da **sentimentalidade**, da **religiosidade**, a ciência positiva de nossos dias assemelha-se, a certos respeito, à mesma Metafísica ou Racionalismo Filosófico que ela combateu e malsinou. E, daí, a sua incapacidade também para admitir que, quase sempre, o sentimento, a emoção profunda, a disposição afetiva e o forte estímulo religioso são uma das formas, quicá a mais humana e a mais divina delas, pelas quais o “eterno adamita” — “Homem — forma sem força que uma Força impele” — costuma responder à formidável pergunta metafísica: “**QUE EXISTE?**”.